



O ROSA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ABORDAGEM DA TRANSEXUALIDADE EM SALAS DE AULA E SEUS EFEITOS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA.

Thiago Corrêa¹

Resumo: Este estudo se propõe a fazer uma análise descritiva do processo ensino-aprendizagem de língua materna nas escolas públicas, a partir do relato de narrativas orais espontâneas de três jovens transexuais, militantes da organização não governamental (ONG) – Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade (GOLD), na cidade do noroeste do Espírito Santo - Colatina. Este trabalho sugere um diálogo sobre as especificidades inerentes do transexual e de sua não-autonomia – quase sempre negada, à medida que sua orientação sexual e, também, neste sentido, identidade, contrapõem-se ao que é estabelecido pela normatividade heterossexista.

Palavras-chave: diversidade, escola, intolerância, militância, expectativas.

Abstract: The proposes of this study is to make a descriptive analysis of the teaching-learning process of mother tongue in the public schools, from the report of three young transsexuals volunteers participants of the non-governmental organization (NGO) – Group of Pride, freedom and dignity- Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade (GOLD), in the city of the northwest of the Espírito Santo – Colatina. This work suggests a dialog on the specificities of the transsexual and its non-autonomy - often denied, to the extent that their sexual orientation and, also, in this sense, identity, opposed to what is established by normativity heterosexist

.Keywords: diversity, school, intolerance, militancy, expectations.

1. Introdução

A ideia de escrever algo sobre o trabalho da Organização não governamental Grupo Orgulho Liberdade e Dignidade – GOLD que atua no município de Colatina e, como será colocado mais adiante neste trabalho, acaba por assumir também a função de

¹ Graduando em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: thiagocferrari@yahoo.com.br. Orientado, excepcionalmente neste artigo, pelo Professor Dr. Clézio Roberto Gonçalves, do Departamento de Letras da UFOP. Bolsista voluntário no Grupo de Estudos: Educação em Direitos Humanos e Diversidade Sexual, coordenado pelo professor Marco Antônio Torres nesta instituição.

pólo – quando se tratando da luta do movimento social LGBT² na região noroeste capixaba, já se fazia presente durante o primeiro período da minha graduação. Esta motivação se deu através de três principais fatores: 1) sou natural de Colatina e também militante nos trabalhos da ONG, efetivamente, desde o ano de 2007; 2) enquanto graduando de um curso de Licenciatura, acredito que é mister de um professor, contribuir de forma eficaz nos processos de construção do conhecimento de nossos educandos. Também, e, que somente através do capital cultural³ que o indivíduo adquire no âmbito escolar – levando em consideração as ausências, deficiências e disparidades nos âmbitos familiares e nos outros meios em que este está inserido, como propõe BOURDIEU (1992), é que são criados alicerces que possibilitam a mudança de classe social deste indivíduo para uma outra que não é a sua natural.

“Eis aí um dos mecanismos que, acrescentando à lógica da transmissão do capital cultural, fazem com que as mais altas instituições escolares, e, em particular, àquelas que conduzem as posições de poder econômico e político, continuem sendo exclusivas como foram no passado. E fazem com que o sistema de ensino, amplamente aberto a todos, e, no entanto, estritamente reservado a alguns, consiga a façanha de reunir as aparências da “democratização” com a realidade da reprodução que se realiza em um grau superior de simulação, portanto, com um efeito acentuado de legitimação social” (BOURDIEU. p 72).

3) com base em minhas experiências durante este período de militância e dos distintos episódios, sendo estes no âmbito escolar ou nas ruas, dentro de estabelecimentos comerciais ou nos encontros promovidos pela GOLD⁴, percebi que no segmento LGBT, os indivíduos que mais são colocados às margens tratam-se daqueles que assumem a identidade transexual feminina.

Neste sentido, os pontos que serão abordados neste artigo levarão em importância não apenas o relato das transexuais⁵ militantes em Colatina na associação não governamental GOLD, como também o ensino-aprendizado sobre a questão do gênero e das identidades sexuais nas escolas públicas onde as entrevistadas estudaram sob uma perspectiva sóciointeracionista e de sua não autonomia perante uma sociedade heterossexista, durante o processo de identificação com a transexualidade.

² Sigla adotada pelo movimento social brasileiro que defende às causas dos homossexuais. Lê-se: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais. Todas as ideias expostas neste artigo levarão em consideração o ponto de vista do movimento nacional.

³ Capital cultural teorizado a partir das perspectivas de Bourdieu.

⁴ No corpo deste texto será descrita apenas a sigla da organização não governamental colatinense.

⁵ Para a elaboração deste artigo, foram entrevistadas três transexuais femininas.

Este estudo, também, relata as informações cedidas pelas informantes através da transcrição por paráfrase. As entrevistas originais encontram-se gravadas e serviram como fontes para o trabalho.

2. Viado... traveção... travesti... transexual.

A construção deste artigo se deu através do relato de três entrevistadas⁶: B.G., 40, cabeleireira, maquiadora e educadora social, V.V., 37, auxiliar de salão de beleza e S.P., 20, também cabeleireira e maquiadora. Todas as três informantes estão diretamente ligadas ou já estiveram à associação não governamental GOLD.

As entrevistas ocorreram em períodos diferentes e locais escolhidos pelas próprias informantes.

Sobre o processo da transexualidade, todas foram categóricas: “não é se travestir a noite ou virar menino quando se cansar de toda a rotina que é a de uma mulher, diariamente”. Disse S.P., a mais jovem do grupo. Este conceito tem muito haver com a ideia do “travesti” nos mais diversos dicionários da língua portuguesa. Na verdade, tanto B.G., V.V. e S.P., nunca foram ou se sentiram meninos, ao menos, não enquanto ignoravam a referência das diversas identidades sexuais que não são “nominadas”. B.G. relata que a transexualidade não significa, e, desta forma, também não está atrelada à cirurgia de mudança de sexo. “Sim, é um estado psicológico no qual nos reconhecemos mulheres, nossa anatomia nos incomoda, e talvez recorramos a maneiras equivocadas de nos tornarmos mais femininas, como recorrer ao uso ilegal do silicone líquido injetado indevidamente e de maneira clandestina por muitos ‘profissionais da saúde’, como alguns médicos e enfermeiros, ou pelas próprias travestis e transexuais. Estas, recebem o nome de “bombadeiras”. V.B enfatiza que este tipo de procedimento é muito procurado pelas meninas trans por ser uma forma mais viável financeiramente, já que a maioria das meninas não possuem renda para fazer as intervenções cirúrgicas em clínicas especializadas. Relata também, que ela própria já sofreu consequências pela a utilização de silicone líquido e conheceu amigas transexuais que foram a óbito devido o uso do mesmo.

Hoje, atua no movimento de prevenção de danos em um trabalho que é de nível estadual e reafirma que ainda existem muitas especificidades que são negadas pela saúde pública às transexuais, como um processo de hormonização com acompanhamento médico e uma maior difusão dos danos causados pelo uso injetável de silicone líquido no corpo.

⁶ Optei por usar pseudônimos e siglas para nominar as três informantes.

V.V. também não teve um processo muito distinto do de B.G. Diz que a hormonização na vida de uma trans é contínua, e que assumir a identidade transexual feminina trata-se de um estágio complexo. “Acompanhamento psicológico durante a infância. Mas é estranho pensar em idades ou algo assim. Há alguns anos atrás todos eram considerados homossexuais. Havia os gays que se vestiam de mulher, e os gays que se identificavam com o gênero masculino.” É visível no depoimento de V.V. o quanto o “ter uma identidade” ganhou valor na vida destes indivíduos. Entretanto, são identidades que são renegadas, não nominadas socialmente, e por várias questões ideológicas, políticas e culturais, isso está diretamente ligada à identidade que nos é depositada durante nosso período escolar.

S.P. é a mais nova do grupo. Começou a fazer utilização de hormônios há quase um ano e diz se sentir feliz com a escolha. Tem o apoio da família, trabalha no bairro onde nasceu e sempre viveu. Diz que o comportamento das pessoas em relação a sua identificação aconteceu de forma positiva. “Com minha mãe, no início, foi complicado. Ela tinha amigos gays que, inclusive freqüentavam o nosso lar. Mas parece que é diferente quando acontece com você, no seu meio. Eu, por diversas vezes, fui vítima do preconceito dentro de minha própria casa. Cheguei a ser expulsa, onde fui acolhida por parentes. Hoje voltei a morar com minha mãe, e, parece que observando a aceitação do meio onde vivemos, principalmente aqui no bairro, onde todos acompanharam e, de certo modo, acompanham minha transformação, ela passou a assumir uma postura diferente com relação a minha identidade e gênero. Hoje, ela me chama até de ‘minha filha’”, diz S.P., exibindo um lindo sorriso que marca seus traços femininos, já frutos da hormonização. Ela faz automedicação, entretanto pretende iniciar o tratamento com acompanhamento ainda este ano.

Sobre a mudança de sexo, S.P. compartilha da mesma opinião de B.G... “Existem meninas que conseguem abstrair sua genitália masculina ou simplesmente não optam pela ‘mutilação’ do próprio corpo. Não sei se farei, não pensei sobre essa questão ainda. Sei que sou uma mulher linda, me identifico como tal, e mereço ser respeitada como cidadã”.

3. Elas dizem: a sociedade é quem excluí.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa qualitativa. Todas as três informantes responderam ao mesmo questionário e não tiveram acesso ao respectivo

material utilizado como corpora, a fim de que este trabalho se legitimasse e as opiniões não interferissem no resultado.

Uma das questões propostas nesta pesquisa foi: A transexualidade excluí? As meninas responderam taxativamente que não.

“Ser transexual é ser alguém, é possuir uma identidade. Quem excluí, infelizmente, é a sociedade. As igrejas, as escolas, os postos de saúde, etc. Hoje sou independente, e talvez este fator torne minha vida um pouco mais ‘fácil’, inclusive no âmbito familiar. Mas, e as meninas que estão nas ruas, colocadas às margens de uma sociedade exclusivistas. Uma grande parcela é colocada para fora de casa, não possui referências. Acabam abandonando a escola e migrando para a prostituição, colocando a própria vida em risco, e, nesse sentido, todos nós sabemos o que uma vida às margens significa. Nós, transexuais, somos colocadas às margens a todo o momento. Vivemos em um país que é católico e se diz laico, contudo, sabemos que se eu entrar em uma determinada igreja, corro o risco de ser apedrejada, como a Maria Madalena” Diz, B.G. referindo-se à passagem da bíblia que é utilizada nas religiões advindas do cristianismo.

V.V. salienta as diversas maneiras que a mídia aborda a homossexualidade e que, em sua maioria, é vista com sarcasmo e ilustrada como chacota. “Caracterizaram um personagem gay, em horário nobre, completamente diferente de nossos meninos. Com qual finalidade? Criar riso? Gerar ibope? Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais ou quem quer que seja, possuem características e vivências normais a de qualquer outra pessoa”. “Essa coisa de estereotipar gay como alegre não deve existir. O que deve existir é uma sociedade que se respeite. Que respeite sua racionalidade. O problema está em nossa cultura arraigada que segue uma normatividade heterossexista, que excluí tudo o que vai a contraposto em nossa ‘civilização’.”

S.P. destaca novamente que o apoio da família é fundamental. “Ninguém aprende que existem cores além do azul e do rosa”. E é isso que o movimento se propõe fazer: impor-se. “Seria diferente se tivesse que usar roupas com as quais não me sinto à vontade. Gosto do meu cabelo arrumado e das unhas bem feitas e pintadas. Piadas na rua são frequentes. Inclusive estou processando judicialmente a produção de um evento grande na cidade, onde seguranças mal instruídos me barraram e impossibilitaram que eu fizesse uso do banheiro feminino. Já tinha ouvido histórias do tipo, mas sentir na pele é deplorável. Me senti indigna e menor. A GOLD tem me dado apoio. É bom quando encontramos bases por perto, como a instituição em Colatina. Tenho certeza que outras meninas já foram discriminadas da mesma forma e não tiveram a quem recorrer. Essa

talvez seja uma de nossas maiores buscas: a utilização de banheiros femininos, que conciliem nossa identidade, tal como nossa anatomia e nossos direitos enquanto cidadãs”.

4. A escola conservadora de Bourdieu, as tensões geradas através das relações sociais dentro do ambiente escolar e às perspectivas em relação a um currículo inclusivo.

Falar de educação em nosso país nem sempre foi assunto corriqueiro. Digo corriqueiro, porque vejo uma discussão acerca de nosso sistema educacional muito mais atual, e, nesse sentido, pode se pensar que os rumos de nossas intervenções vem em contraposição daquilo que se é proposto por nossos governantes. Educação não é apenas um tema contemporâneo, mas, como vem se percebido, um tópico que vem gerado trabalhos, estudos, pesquisas, etc. por parte não só da comunidade acadêmica, mas por todos os interessados pelo objeto. Seja a ideia de como segue a economia, ou a obtenção por parte da classe opressora sobre seus oprimidos, a educação em nosso país não é e jamais foi colocada como prioridade por nossos governos. Nós, enquanto Estado Nação Brasil, estamos submetidos a um sistema mercadológico, e, obviamente, “educar” a brasileiros não atenderia as demandas que, como incita FREIRE, tem que obrigatoriamente obedecer a uma parcela minúscula da população que está aquém das discussões sobre o sistema educacional público atual.

“É interessante estender mais um pouco a reflexão sobre a assunção. O verbo assumir é um verbo transitivo que pode ter como objetivo o próprio sujeito que assim se assume. [...] Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A Assunção de nós mesmo não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do não eu” ou do *tu*, que me faz assumir a realidade de meu *eu*. (FREIRE. p 41)

BORDIEU expõe com clareza o papel que a escola contemporânea vem assumindo e a maneira com que a mesma se mantém enquanto dispositivo da conservação de classes. Ele denomina, de forma ainda mais real, e talvez sob essa perspectiva, a expressão assuma um tom pejorativo, “excluídos do interior”, os indivíduos que não carregam a bagagem cultural “mínima” exigida pelos estabelecimentos de ensino.

“Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favoráveis e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos

critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais que sejam eles de fato, como iguais em direito e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura”. (BORDIEU)

Trazendo nossa discussão acerca da autonomia negada às entrevistadas nos mais específicos âmbitos sociais, com as ideias que são propostas pelo autor, percebe-se que a transexual não só é excluída por diversos fatores que vão contra a norma⁷, como também, ao terem, literalmente, sua autonomia negada, nem mesmo recebem um nome dentro de nossos currículos educacionais.

Receber um nome, então, sob esse ponto de vista, significa ser caracterizada (o), destacada (o), estudada (o). Existente. Justamente o oposto que ocorre nos ambientes escolares, em suas estruturas administrativas e, nesse sentido, seu funcionamento e planejamentos diretos, quando levadas em consideração as especificidades de um transexual, seja ele feminino ou masculino. Não ter nome, e, automaticamente, receber a alcunha de “diferente”, como vem sendo delatados nos mais diversos estudos sobre o efeito *bullying*, podem gerar conseqüências irreparáveis na vida de um indivíduo.

O objetivo deste trabalho é se não, relatar as memórias das três informantes e os efeitos das relações durante o processo em que as mesmas frequentaram a escola, mas também estimular para uma maior discussão sobre um currículo que inclua a diversidade sexual durante todo o processo educacional que é tido como essencial.

As três possuem ensino médio completo, e, posto que, só passaram pelo processo de transformação após este período, relataram que já se identificavam com o gênero feminino desde a infância, não especificando idades ou períodos.

5. Língua como identidade. Memórias do rosa no tempo de escola e a luta pela cidadania.

Quando questionadas sobre o ensino de língua portuguesa e literatura brasileira durante a vivência escolar, as entrevistadas demonstraram certa dificuldade sobre a questão. Uma por que: como já colocado anteriormente, nossos currículos escolares não abrangem a questão da diversidade sexual. Desdobrar essa ideia em gêneros e deles serem estendidos a um montante de identidades é um trabalho que está longe das frentes governistas deste país. Prova disso, é o veto do Kit “Escola sem Homofobia”, que seria distribuído gratuitamente nas escolas de ensino público pelo Ministério da Educação e que teve a distribuição impedida pelo atual governo federal.

⁷ Heteronormatividade, que impossibilita qualquer outro tipo de identidade sexual.

Já interadas sobre a ideia da Língua como um fator essencial à identidade de um povo, as três mais uma vez evidenciaram a exclusão da transexualidade. “Existem filmes ótimos. Livros tão bons quantos. E levar isso pra sala de aula seria mais uma das vitórias do movimento. Na verdade, no Espírito Santo, há pouco tempo um menino de 12 anos de idade se suicidou por ser vítima de discriminação pelos colegas de sala. Em qual base essa criança se solidifica? Será que é dada a ela a oportunidade de ser criança. Sabe-se lá se o menino, na verdade, era uma menina, uma transexual? Não dá para saber. É mais uma vítima, entre tantas, do preconceito enraizado em nossa sociedade”.

V.V. diz que, independente de ter vindo a se tornar uma mulher fisicamente após o período escolar, sempre possuiu trejeitos e gostos femininos. Relata que talvez pela estatura e pelo corpo, sempre tênue, uma possível “transexualidade” já era pensada durante a adolescência. Ainda hoje é chamada pelo nome de registro pela mãe.

S.P. já é completamente diferente de V.V., em seu porte físico. Possui 1,83 cm. Fala que na escola sempre foi alvo de piadas dos outros colegas e até mesmo de professores. Diz também que a altura já era uma característica que a destacava dos demais colegas. “Uma vez, um funcionário da escola onde estudei me disse: ‘vira homem, menino.’” “Pasmem.” “Aquilo me deixou mal e com um peso horrível na consciência durante o dia inteiro. O interessante é que se tratava de uma aula de Ensino Religioso e o mesmo estava ocupando a função de monitor.” Diz também que hoje o tratamento dos colegas de escola mudou. “Parece que enquanto mulher, eles me respeitam mais.” “É como se eles aceitassem minha atual aparência antes de mim, mesma.” Ora, se um funcionário está preparado para desenvolver, minimamente, uma atividade pedagógica de uma determinada instituição, e este, desta forma, assume o papel de própria escola, o que se pode observar, através do depoimento de S.P., que a instituição, além de conservadora, se torna um espaço de intolerância e discriminação, desconsiderando os diversos comportamentos e construções que o indivíduo tende a desenvolver durante sua vivência escolar.

Sobre a ideia de um currículo inclusivo, B.G. defende. “Não basta o conteúdo. O professor é peça fundamental no processo de ensino-aprendizagem não só de língua portuguesa, que é aonde você aprende história através da literatura, aprende a se comunicar através da escrita, mas em todas as outras disciplinas escolares”. Ser respeitada no ambiente escolar, utilizar o banheiro que é destinado ao meu gênero.” “É talvez uma das principais dificuldades encontradas por nós”.

V.B alude também à exclusão de História da África em nossos currículos. “Como eram as rainhas africanas?” “Quais eram seus rituais de beleza?” “Tudo nosso é muito branco, muito europeu”. “Desde quando cabelo crespo é algo ruim?” “Sou profissional deste ramo há anos e digo: não é”. “Os comerciais de xampu mostram o oposto a nossa realidade.”

Indagada sobre expectativas, ela foi enfática: “ser chamada pelo meu nome.” Diz que, durante o ensino médio, precisou abandonar os estudos por motivos profissionais. Posteriormente, quando voltou à sala de aula já era B.G. Os colegas, funcionários, professores a viam e a respeitavam como B.G. Entretanto, ressaltou: “não são todas e nem todas as escolas. Nossas meninas, geralmente abandonam o colégio ainda no início da adolescência. Isso é crueldade. Não possuem referências, não possuem informação”. Ser chamada pelo nome, para B.G., é o estopim para a aceitação de uma estudante dentro de sala. “Talvez o maior gesto de nossa cidadania”.

6. O “episódio do banheiro”, o reconhecimento, e a busca por alguém que as (os) defendesse.

Foi como se nessa sequência que B.G. me informou de como surgiu a ideia da criação da GOLD. “Os problemas com os banheiros são corriqueiros?” Questionei a ela. Obviamente, já sabia da resposta. Participo das reuniões da associação não governamental desde sua criação, que ainda ocorriam no salão de beleza no qual B.G. é proprietária e que também leva seu nome. Sei exatamente o quanto a instituição social, que fundada pela transexual, V.V e mais um grupo de homossexuais colatinenses, trabalhou para alcançar um determinado tipo de “status”⁸ e respeitabilidade perante a sociedade do município do noroeste capixaba.

B.G. esteve no cargo de presidenta da instituição durante dois mandatos e diz que o movimento social brasileiro propõe, entretanto, não existe “boa vontade” por parte de nossos governantes. Mais uma vez questionei a ela: “E como a GOLD sobrevive?”. Ela pausou.

“Em nosso país, infelizmente, temos uma cultura completamente mercadológica. “Homossexuais ainda ‘disseminam’ DST’s e AIDS e essa concepção já foi jogada por terra há alguns anos.” “Acredito que falta muita informação”. “Informação de verdade, não de realities-show ou de novelas”. “O que acontece é que o ‘Paciente número 0’ era gay.” “Talvez este tenha sido o principal fator que atrasou a luta do movimento social

⁸ A Associação não governamental GOLD foi institucionalizada no município de Colatina no ano de 2005 e hoje já possui o título de Utilidade Pública Municipal.

em âmbito mundial no reconhecimento de nossas identidades, e, nesse sentido, cidadania plena.”

“E dessa forma, a maioria das instituições brasileiras sobrevivem.” “Carregando o estigma que causou a doença principalmente a gays, travestis e transexuais.” “Isto significa, com rendas do poder público destinado ao tratamento de DSTs, em editais, programas, etc.”. “Cultura, educação, turismo?” “Não sei se existem verbas destinadas aos nossos projetos para que sejam feitos trabalhos que mostrem as inúmeras concepções que existem a partir da identidade homossexual”. “Existe?”

“Em Colatina, sim, temos desde nossa criação a cooperação do Centro de Tratamento e Aconselhamento – CTA do município”. Entretanto, a GOLD desenvolve o projeto CORES – Cidadania, Orgulho, Respeito, Educação e Saúde. É um projeto que vem dado certo. Por vezes, pela própria B.G. que não deixa de cumprir seu papel enquanto educadora social quando convidada. Foi peça fundamental em todas as atividades e intervenções já realizadas pela instituição.

“Boa vontade”. Seria isto, diz ela. “Em nosso município, tínhamos na época, um vereador que ajudou com que fossem aprovadas às leis referentes à nossa população, a que prevê multa nos estabelecimentos comerciais onde houver discriminação e a que municipaliza o dia 17 de maio como o ‘Dia de Combate à Homofobia’ em nossa cidade.”

“Se Colatina, nessa acepção, é agraciada?!” “Talvez.” “Não são todos os municípios brasileiros que possuem governantes dispostos, como no caso da GOLD, que teve uma espécie de ‘padrinho’. Ao contrário disso, nossos políticos não se abrem a diálogos e somos vetados, constantemente, por questões de caráter religioso. Em um país constitucionalmente laico.

“Não sei o porquê da militância, especificamente.” “Me senti inferior por não poder utilizar o banheiro feminino naquela boate, e percebi que aquilo não estava certo.”

E não está. Transexuais são desrespeitadas psicologicamente, fisicamente e moralmente. São levadas à marginalidade. Não possuem, sequer, o próprio nome. São o contrário, o avesso, o impossível. É sob essa perspectiva que nossas meninas são vistas neste país. Ora como mero espetáculo carnavalesco, ora indivíduos que não são capazes de possuir minimamente um caráter. E ter caráter, nesse sentido, é ser branco, hétero e cristão⁹.

⁹ A forma com que acredito que seja a filtração em nossa sociedade, em que é formulada, através dos currículos escolares e pela forma com que nossa cultura é

7. Considerações finais.

Ainda não consigo dizer ao certo qual foi o grau de dificuldade no desenvolvimento deste trabalho. Não foi fácil. Longe disso.

Escrever sobre minhas origens, identidade, cultura e, se, assim compreender, que eu reconheça a mim mesmo, e me enxergo enquanto sujeito em um meio social, exigiria empenho mínimo, talvez algumas horas de pensamento e não mais que duas ou três páginas.

Entretanto, quando meu meio não reconhece a si mesmo, e, desta forma, desconhece, até mesmo ignorando as minhas próprias especificidades enquanto sujeito, sou deslocado para outra borda, uma margem, um lugar que não cabe neste meio. “Subúrbios?” “Periferias?” Depende de qual conceito estaríamos trabalhando estas duas palavras. O campo semântico no qual elas estão inclusas é muito amplo. Possuí história, e, obviamente, quem possui história tem cultura. Fazer uso das palavras “subúrbios” e “periferias”, de acordo com o aparato teórico deste trabalho para aludir às margens que estão destinadas as transexuais, legitimaria o preconceito arraigado que existe contra todos aqueles que estão fora da dita “normatividade”. E a normatividade é quem cria a “periferia” e o “subúrbio”.

Em contrapartida, a “margem” não possui e jamais possuirá lado positivo. Não é capaz de instituir história ou cultura. É um mecanismo criador e reproduzidor das desigualdades humanas. Uma vez nela, o indivíduo só é capaz de se reconhecer através de muito empenho, dedicação e oportunidades.

E é por isso que digo que não foi fácil. Ser um indivíduo que tem cultura, que possui uma identidade e tem a propriedade de dizer sobre sua história, é ter uma oportunidade não dita única, mas renegada a milhões de outros indivíduos que estão excluídos por uma sociedade que se faz sexista, racista, inconstitucional, e, nesse sentido, irracional. Este último, porque não reconhece e não deseja reconhecer. Não vejo o porquê, então, da existência de escolas e discursos ideológicos demagogos em relação às mesmas, como construtoras de conhecimento. Este é ilegítimo e amoral

Salve(m) à Educação e as oportunidades que são possibilitadas através dela!

Salve o Movimento Nacional que luta em prol dos direitos civis de homossexuais neste país!

propagada, principalmente na mídia, uma identidade branca e heterossexista.

Salve e vida longa à Associação Grupo Orgulho Liberdade Dignidade – GOLD!
Por ter feito histórias, guardado memórias, e “dado o nome” no município de Colatina e no estado do Espírito Santo.

8. Referências Bibliográficas:

BENEDETTI, M. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro. Ed. Editora Fiocruz, 2008.

FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005

JUNQUEIRA, R.D, (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

TORRES, Marco A. *A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010.

LEERS, B.; TRANSFERRETTI, J. *Homossexuais e a ética cristã*: Campinas: Átomo, 2002.

MOTT, L.. *A revolução homossexual: o poder de um mito*. Revista USP. São Paulo, n. 1, mar/maio. 2001.

POSSO, K. *Artimanhas da sedução: Homossexualidade e exílio*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.

LOURO, G.L. *Pedagogias da Sexualidade*. In: Louro, Guacira L.. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 7-34

BRESSOUX, P. *As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito professor*. Educação em revista. Belo Horizonte, n 38, dez. 2003.

LOURO, G.L. *Pedagogias da Sexualidade*. In: Louro, Guacira L.. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 7-34.

KRAMER, S (Org.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro, 2003.

PARO, Vitor H.. *Críticas da estrutura da escola*. São Paulo. Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Luciano A.. *Coisas que todo professor de português precisa saber: A teoria na prática*. São Paulo. Parábola, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro. Paz e terra.1996.

BOURDIEU, P. Champagne, P. *Les exclus de l'intérieur*. Actes de La recherche em sciences sociales. Paris, n 91/92, mar. 1992.

BORDIEU, P. *L'école conservatrice: Les inégalités devant l'école et la culture*. Revue française de sociologie, Paris, n 7, 1966.

MINHA VIDA EM COR DE ROSA. Filme. Direção de Alain Berliner. França/ Bélgica/ Inglaterra. VHS. 110 min. Col. Son., 1997.

TOMBOY. Filme. Direção de Celine Scianma. França. DVD. 88 min. Col. Son., 2011.

O CÉU SOBRE OS OMBROS. Documentário. Direção de Sérgio Borges. Brasil. DVD. 72 min. Col. Son. 2011.

Endereços eletrônicos:

ESTUDANTE DE 12 ANOS COMETE SUICÍDIO APÓS SOFRER BULLYING NA ESCOLA. Matéria disponibilizada no dia 02 de março de 2012: < <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/03/02/estudante-de-12-anos-comete-suicidio-em-vitoria-apos-sofrer-bullying-na-escola.htm> > Acessada em 23 de abril de 2012.

Web-site da Associação não governamental Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade – GOLD: <www.gold.org.br> Acessado em 08 de junho de 2012.